Artigo recebido em 17/04/06 e aceito em 25/08/2006

Capital Intelectual e *Goodwill*: Ativos Intangíveis de Difícil Mensuração

Paulo Roberto Nóbrega Cavalcante
João Pessoa – PB
Doutor em Controladoria e Contabilidade FEA/USP[1],
Professor Adjunto do Departamento de Finanças e Contabilidade
Vice-Diretor do CCSA/UFPB[2].
prncavalcante@aol.com

Cícero Caldas Neto
João Pessoa – PB
Mestrando em Ciências Contábeis do Programa Multiinstitucional e
Inter-regional UnB[3]/UFPB[2]/UFPE[4]/UFRN[5].
cícero@jfpb.gov.br

Geraldo Magela de Andrade
João Pessoa – PB
Mestrando em Ciências Contábeis do Programa Multiinstitucional e
Inter-regional UnB[3]/UFPB[2]/UFPE[4]/UFRN[5].
magelaandrade@terra.com.br

Resumo
Um problema de extrema importância e que continua sendo motivo de várias discussões entre estudiosos da Teoria da Contabilidade é a obtenção de um mecanismo que possa mensurar o valor dos ativos intangíveis. Este artigo tem como objetivo apresentar alguns procedimentos utilizados para mensurar e avaliar ativos intangíveis, através da verificação de seus aspectos conceituais, distinção entre bens materiais e imateriais, sua forma de reconhecimento, o capital intelectual e o *goodwill.* A metodologia utilizada foi eminentemente teórica, evidenciada através de estudo bibliográfico, destacando-se a dificuldade de definição única aceita universalmente com relação ao intangível**.**

Palavras-chaves: contabilidade; ativos intangíveis; capital intelectual; *goodwill*.

Abstract
One extremely important problem that continues to be the subject of many discussions between scholars of Accounting Theory is the attainment of a mechanism that can measure the value o the intangible assets. This article aims to present some procedures used to measure and to evaluate intangible assets, through the verification of its conceptual aspects, through the distinction between corporeal properties and incorporeal and its form of recognition, the intellectual capital and goodwill. The methodology used was eminently theoretical, evidenced through

[1] USP – Universidade de São Paulo – Cep 05.508-900 – São Paulo – SP.
[2] UFPB – Universidade Federal da Paraíba – Cep 58.059-900 – João Pessoa – PB.
[3] UnB – Universidade de Brasília – Cep 70.910-900 – Brasília – DF.
[4] UFPE – Universidade Federal de Pernambuco – Cep 50.670-901 – Recife – PE.
[5] UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Cep 58.072-970 – Natal – RN.

bibliographical study, imparting the difficulty of a single definition universally accepted in relation to the intangible.
Key words: accounting; intangible assets; intellectual capital; goodwill.

Introdução

Um problema de extrema importância e que continua sendo motivo de várias discussões entre estudiosos da Teoria da Contabilidade é a obtenção de um mecanismo que possa mensurar o valor dos ativos intangíveis.

O presente estudo objetiva investigar alguns procedimentos utilizados para mensurar e avaliar ativos intangíveis, através da verificação de seus aspectos conceituais, da distinção entre bens materiais e imateriais, de sua forma de reconhecimento, da questão dos gastos pré-operacionais, do capital intelectual e do *goodwill*, este caracterizado principalmente pela diferença entre o valor patrimonial registrado pela Contabilidade e o seu valor de mercado. A metodologia utilizada foi eminentemente teórica, evidenciada através de estudo bibliográfico, destacando-se a dificuldade de definição única aceita universalmente com relação ao intangível, algumas das formas de mensuração do *goodwill* e as relevantes diferenças dos procedimentos quanto ao tratamento contábil, através do cotejo entre as normas internacionais, brasileiras e norte-americanas.

Características e reconhecimento de um ativo

Segundo Hendriksen e Van Breda (1999), alguns aspectos devem ser considerados na caracterização de elementos do ativo: (a) posse ou propriedade; (b) capacidade de gerar benefícios futuros; (c) direito exclusivo. Para o reconhecimento de um ativo recomenda-se: (a) item que corresponda à definição de ativo; (b) seja relevante; (c) seja mensurável; (d) tenha valor preciso.

Chambers (1966) defende a tese de que os ativos devem ter algumas características diferenciadoras: (a) inexistência de usos alternativos; (b) separabilidade; (c) incerteza quanto à recuperação.

> O valor dos bens materiais registrados no ativo de uma entidade não corresponde àquele avaliado para fins de negociação. Esta é a razão fundamental pela qual nenhum empresário está disposto a vender seu patrimônio pelo montante que evidencia o balanço patrimonial.

Ativos Intangíveis

Todo bem tem seu valor, seja contábil, de mercado ou de pagamento. Há quem concorde em pagar acima do valor de mercado, há quem pague apenas o valor contábil. Daí advém o questionamento: como mensurar, na entidade, um bem intangível?

Quantificar o valor dos conhecimentos adquiridos, por exemplo, do corpo docente de uma universidade, não é tarefa fácil. Onde registrar? Quanto se investiu na formação de um professor? A remuneração de um professor, para a instituição, é uma despesa ou um investimento? O pagamento, pela instituição, de cursos de capacitação e qualificação profissional é despesa ou investimento?

Noções gerais e aspectos conceituais

Existe uma infinidade de ativos intangíveis que podem ter seu valor monetário apurado. Os mais conhecidos são o capital intelectual, as marcas registradas, os direitos autorais, as patentes, as franquias, os domínios de Internet e os softwares.
A definição de intangível mais difundida pelos pensadores da Teoria da Contabilidade é a de Kohler: "... um ativo de capital que não tem existência física, cujo valor é limitado pelos direitos e benefícios que antecipadamente sua posse confere ao proprietário."[1]

Capital intelectual

> O Professor Eliseu Martins (2002: 47) define o capital intelectual como um "conjunto de benefícios intangíveis que agregam valor às empresas".

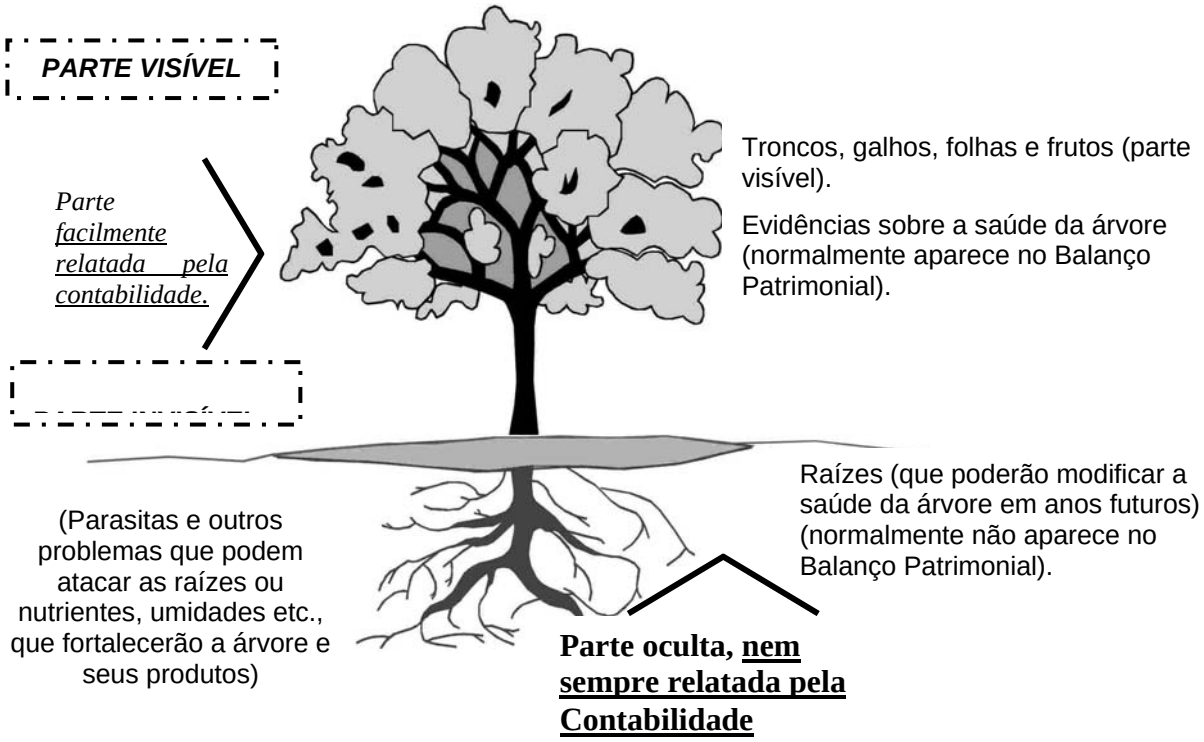
Segundo o Prof. Marion (2005), dos Ativos Intangíveis os termos que mais se destacam são o Capital Intelectual e o "*Goodwill*", principalmente em função do desenvolvimento da era do conhecimento.

> Atualmente, algumas tentativas de definir ou explicar o Capital Intelectual têm sido objeto de diversos pensadores. A princípio se falava muito em capacidade intelectual humana. Com o tempo adicionou-se a inteligência ao conhecimento existente dentro da empresa, além de outras variáveis como liderança tecnológica, clientes, lealdade de clientes, tecnologia de informação, treinamento de funcionários, indicadores de qualidade, relacionamento com fornecedores, desenvolvimento de novos produtos.

Os relatórios da contabilidade sempre deram ênfase ao passado, à avaliação objetiva, sem viés; a idéia de Capital Intelectual é futuro, ou seja, fatores dinâmicos ocultos carregados de subjetividade, mas que afetam o destino da entidade, nem sempre possíveis de ser avaliados.
A ilustração da árvore explica como é simples avaliar o patrimônio visível das entidades, muito embora pelo fato de não se avaliar a parte invisível (raízes da árvore) se possa deixar de prever com mais exatidão o seu futuro. As raízes podem, com muitos nutrientes, melhorar a sua produção e produtividade, assim como qualquer doença poderia provocar-lhe problemas sérios no futuro. Assim é com o Capital Intelectual de hoje, que poderá definir o futuro de uma empresa.

[1] Kohler apud Iudícibus. São Paulo: 1997, p. 203.

Figura 1: Árvore do capital intelectual



Fonte: Adaptado de MARION, 2005.

Avaliação de ativos intangíveis

Peter Drucker já advertia, em 1983, para a importância do trabalhador intelectual (*knowledge worker*). A partir de 1994, com Thomas Stewart, nos Estados Unidos, e Leif Edvinsson, na Suécia, a idéia ganhou mais força.
Thomas Stewart (1998) defende a tese de que "o capital intelectual constitui a matéria intelectual – conhecimento, informação, propriedade intelectual, experiência – que pode ser utilizada para gerar riqueza".
A avaliação da aquisição e uso dos ativos do conhecimento desperta grande interesse e, também, grande ceticismo. Até as pessoas que condenam a inadequação da Contabilidade praticada atualmente se preocupam com medidas não-comprovadas, possivelmente subjetivas e não-financeiras, nos relatórios anuais.
Apresentamos a seguir algumas teorias sobre modelos de mensuração de intangíveis:

a) Razão valor de mercado/valor contábil

Parte do pressuposto de que uma coisa vale o que alguém está disposto a pagar por ela. Sendo assim o valor é definido pelo comprador, não pelo vendedor. O "valor contábil", que pode ser encontrado em todos os relatórios anuais, é a parte referente ao patrimônio no balanço de uma empresa, o que resta depois da subtração de todos os débitos. Nesse caso, a premissa é que

tudo o que resta no valor de mercado depois da contabilização dos ativos fixos deve corresponder aos ativos intangíveis.
Se a Microsoft vale U$$ 85,5 bilhões e seu valor contábil é U$$ 6,9 bilhões, então seu capital intelectual é de U$$ 78,6 bilhões. (STEWART, 1998:201)
A razão valor de mercado/valor contábil apresenta três problemas: (i) o mercado de ações é volátil e responde, muitas vezes, de forma bastante enfática, a fatores inteiramente fora do controle da gerência; (ii) há indícios de que tanto o valor contábil quanto o valor de mercado, em geral, são subestimados; (iii) embora seja gentil afirmar que a Microsoft possui U$$ 78,6 bilhões de ativos intangíveis, o que isso quer dizer? O que eu, um gerente ou um investidor, tenho a ver com essa informação?
Uma forma de aumentar a confiabilidade e a utilidade da diferença entre o valor de mercado e o valor contábil seria analisar a razão entre os dois valores, e não os valores absolutos.

b) O *q* de Tobin

Um pouco mais de trabalho gera um valor mais eficaz do que a razão valor de mercado/valor contábil. O "*q* de Tobin" é uma razão desenvolvida pelo economista James Tobin, ganhador do Prêmio Nobel de Economia em 1981, que compara o valor de mercado de um ativo ao seu custo de reposição.[2]
Essa razão foi desenvolvida como uma alternativa para prever decisões de investimentos da empresa independentemente de fatores macroeconômicos como taxa de juros. Se *q* for menor que 1 – ou seja, se um ativo vale menos que seu custo de reposição –, é provável que uma empresa compre novos ativos do mesmo tipo; por outro lado, as empresas tendem a investir quando o valor de ativos semelhantes é maior do que seu custo de reposição.
O *q* de Tobin não foi desenvolvido como uma medida do capital intelectual, embora seja uma boa medida.

c) O banco de conhecimento

Stewart (1998: 208) afirma que todas as empresas desenvolvem um banco de conhecimentos – pesquisa, habilidades, listas de clientes etc. O inglês Alan Benjamin desenvolveu uma medida de valor para a pesquisa "Tomorrow´s Company" a partir da reconstrução do demonstrativo de resultados de um departamento de uma empresa real, a fim de mostrar como seria se as principais medidas fossem a criação do conhecimento e de caixa – e não maus critérios para a Era da Informação.

Goodwill

O estudo contábil do *goodwill* teve seu marco de referência em 1968, com a publicação do trabalho de Catlett e Olson sob o título *"Accounting for goodwill"*. Na literatura brasileira sobre o tema, foi através da Tese de Doutoramento do Prof. Eliseu Martins, denominada "Contribuição à Avaliação do Ativo Intangível", apresentada à FEA-USP em 1972.
A definição do que seja *goodwill*, a sua natureza, a sua característica de não ser separável do negócio como um todo e o seu tratamento contábil estão entre os objetos de estudo mais

[2] Stewart. Thomas A. *Capital Intelectual – a nova vantagem competitiva das empresas*. Rio de Janeiro: 1998, p. 208.

difíceis e controvertidos da Teoria Contábil, não existindo até hoje um consenso nem uma definição única aceita universalmente.
Para Niyama (2005), seria "a diferença (ou excesso) paga (o) entre o valor contábil das ações e o valor de mercado dos ativos líquidos adquiridos, ou, ainda, o direito sobre lucros futuros esperados da companhia".
Catlett e Olson (1968: 17-18), *apud* Schmidt (2002: 43), entendem que o excesso de valor pago na aquisição de uma entidade sobre o valor justo de seu patrimônio líquido se justificaria pelos seguintes fatores: administração superior; fragilidade administrativa dos concorrentes; processos de fabricação diferenciados; propaganda eficaz; treinamento de empregados; localização estratégica; disponibilidade de linhas de crédito etc.
Esses elementos possuem valor econômico e são conhecidos por *goodwill*. Mas, pela falta de tangibilidade, ausência de custo, dificuldade de mensuração, subjetividade e discordância quanto a seu próprio papel, significado e definição, ele não tem sido registrado pela Contabilidade.
Em 1997, com a aquisição da Companhia Kibon pela Unilever, por U$$ 930 milhões de dólares, consolidou-se no Brasil a importância do intangível. O patrimônio físico da Kibon estava contabilizado por menos de 30% do preço da negociação.

Natureza e surgimento

Pela natureza controvertida do *goodwill*, seu valor estaria intimamente ligado a outros intangíveis não identificáveis. Alguns fatores podem contribuir para o seu surgimento, como, por exemplo, o *know-how*, a propaganda eficiente, a localização geográfica, a habilidade administrativa fora dos padrões comuns, as relações públicas favoráveis, a clientela estabelecida, tradicional e contínua, a tecnologia de ponta etc.
Atualmente, segundo as normas norte-americanas (SFAS 141), o *know-how* patenteado é um ativo intangível que deve ser registrado separadamente do *goodwill*.

Goodwill sinergístico

O Professor Eliseu Martins (2002: 50) entende que o *goodwill* sinergístico é aquele que persiste, mesmo após identificados e mensurados economicamente todos os ativos tangíveis e intangíveis. Continuaria, assim, existindo diferença entre a soma dos ativos individuais e o seu valor global, portanto um *goodwill* infindável.

Classificação

Para Copyngton (1923, *apud* Martins, 1972: 74), o *goodwill* pode ser classificado da seguinte forma:

a) Goodwill comercial: criado em função da entidade como um todo, independentemente das pessoas ou proprietários.
b) Goodwill pessoal: decorrente de uma ou várias pessoas que integram a entidade sendo proprietária(s) ou administradora(s).
c) Goodwill profissional: desenvolvido por uma classe profissional que cria a imagem que a distingue dentro da sociedade, propiciando condições de melhor remuneração, como no caso dos médicos, advogados e contadores em alguns países.

d) Goodwill evanescente: característico de certos produtos que a moda criae, portanto, possui curta duração. Atualmente, segundo as normas norte-americanas (SFAS 141) é registrado como um ativo intangível separadamente do *goodwill*.
e) Goodwill de nome ou marca comercial: ocasionado pela imagem do nome da entidade que produz o produto ou a marca sob a qual é comercializado. Distingue-se do anterior pela durabilidade. Atualmente, segundo as normas norte-americanas (SFAS 141), é registrado como um ativo intangível separadamente do *goodwill*.
Aproximadamente 30 (trinta) anos depois, tivemos a classificação de Paton & Paton (1952, *apud* Martins, 1972):
f) Goodwill comercial: decorrente de serviços colaterais como boa equipe de vendas, entregas convenientes, facilidades de crédito, espaço físico apropriado para serviços de manutenção, localização da entidade etc.
g) Goodwill industrial: em função de altos salários, baixa rotatividade de empregados, serviço médico, sistema de segurança adequado, oportunidades internas satisfatórias para acesso às posições hierárquicas superiores, quando esses fatores contribuem para a boa imagem da entidade e a redução do custo unitário da produção gerado pela força de trabalho operando nessas condições.
h) Goodwill financeiro: oriundo da atitude de investidores, fontes de financiamento e de crédito em função de a entidade possuir sólida situação para cumprir suas obrigações e manter sua imagem, ou ainda para captar recursos financeiros que lhe permitam aquisições de matéria-prima ou mercadorias em melhores termos e preços.
i) Goodwill político: aquele que surge em decorrência de um bom relacionamento com o Governo.

Mensuração do *goodwill*

Ao longo do tempo, algumas modificações foram impostas à mensuração do *goodwill*, que podem ser sintetizadas nas seguintes abordagens (SCHMIDT, 2005: 84):
a) Por meio de avaliação de atitudes favoráveis em relação à entidade: nesta abordagem, o *goodwill* resulta de relações negociais vantajosas, boas relações com funcionários e atitudes favoráveis de clientes, que podem originar-se em função de uma localização estratégica, nome, reputação etc.
Este enfoque pressupõe que, quando é pago um valor superior aos valores individuais dos ativos líquidos de uma entidade, avaliados a valor de mercado, exclusive o *goodwill*, esta diferença representa o pagamento desses atributos, que foram gerados pelos proprietários anteriores.
b) Por meio do valor presente de lucros superiores: segundo Hendriksen & Van Breda (1999: 392), este é o enfoque predominante na literatura contábil e também o mais antigo. Neste sentido, o *goodwill* representa o valor presente de lucros futuros esperados, acima daquilo que poderia ser considerado um retorno normal, também denominados superlucros.
c) Por meio de uma conta geral de avaliação: neste enfoque, o *goodwill* é considerado uma simples conta de fechamento. Todos os ativos possuem valor para a entidade em função do fluxo futuro de benefícios que serão gerados. Portanto, se houver um aumento da expectativa de fluxos futuros de caixa, deve-se aumentar o valor dos ativos que geraram tal incremento, e qualquer valor que subsista sem ser alocado é registrado como *goodwill*.
Quanto mais ativos forem sendo identificados, menor será o valor do *goodwill*, e, no limite, ele desaparecerá, sendo substituído por ativos tangíveis e intangíveis identificados, exceto na existência do *goodwill* sinérgico.

Carsberg (1966: 5-40) *apud* Schmidt (2002: 52-55), apesar da complexidade da mensuração do *goodwill* e dos problemas atinentes a sua avaliação, apresenta várias formas de cálculo para sua apuração.
d) Método Lawrence R. Dicksee: um dos mais antigos métodos, baseado no lucro líquido e em um fator multiplicativo que, algebricamente, pode ser apresentado da seguinte maneira:

$$G = (LL - RA - (i \cdot AT)) \cdot F$$

Onde: G = valor do *goodwill*;

LL = lucro líquido;
RA = remuneração da administração;
i = taxa de juros aplicáveis ao imobilizado tangível;
AT = ativos tangíveis;
F = fator multiplicativo para obtenção do *goodwill*.

e) Método New York: é praticamente idêntico ao modelo anterior, variando, apenas, o lucro líquido, agora obtido pela média dos últimos 5 (cinco) anos.

$$G = (LL - RA - (i \cdot AT)) \cdot F$$

Onde: LL = lucro líquido (média dos últimos 5 (cinco) anos).

f) Método de Hatfield: foi o primeiro método residual, tendo representado um grande avanço para a sua época.

$$G = \frac{LL - RA - AT}{j}$$

Onde: j = taxa de capitalização de lucros;

RA = remuneração dos administradores;
LL = lucro líquido;
AT = ativo tangível.

Tem-se, ainda, o Método do Valor Atual dos Superlucros, o Método do Custo de Reposição ou Custo Corrente, o Método do Valor Econômico e o Método do Valor de Realização, cada um com suas nuanças e importância.

Análise Comparativa

Baseado nos conceitos de *goodwill* e capital intelectual apresentados, SCHMIDT (2002: 184-185) nos apresenta uma tabela onde é possível identificar os pontos em comum, a fim de que possamos estabelecer uma relação entre os dois conceitos, haja vista que ambos são ativos intangíveis, cuja natureza por vezes se confunde.

Tabela 1: Fatores que geram *Goodwill* x Capital Intelectual

FATORES QUE GERAM O *GOODWILL*	FATORES QUE GERAM O CAPITAL INTELECTUAL
Habilidade administrativa fora dos padrões comuns	Sinergia entre os programas de treinamento e os objetivos corporativos
Organização ou gerente de vendas proeminente	Funcionário tratado como um ativo raro
Fraqueza na administração do competidor	Esforço da administração para alocar a pessoa certa na função certa, considerando suas habilidades
Propaganda eficiente	Existência de oportunidade para desenvolvimento profissional e pessoal
Processos secretos de fabricação	Avaliação do retorno sobre o investimento realizado em Pesquisa e Desenvolvimento
Boas relações com os empregados	Identificação do *know-how* gerado pela P & D
Crédito proeminente como resultado de uma sólida reputação	Existência de uma estratégia proativa para tratar a propriedade intelectual
Eficiente treinamento para os empregados	Identificação dos clientes recorrentes
Alta posição perante a comunidade obtida por meio de ações filantrópicas e participação em atividades cívicas por parte dos administradores	Conhecimento, por parte do funcionário, do que representa seu trabalho para o objetivo global da companhia
Fraqueza na administração dos concorrentes	Avaliação do retorno sobre o investimento realizado em canais de distribuição
Associações favoráveis com outra entidade	Mensuração do valor da marca
Localidade geográfica estratégica	Existência de uma infra-estrutura para ajudar os funcionários a desempenhar um bom trabalho
Descoberta de talentos ou recursos	Valorização das opiniões dos funcionários
Condições favoráveis com relação aos tributos	Participação dos funcionários na elaboração dos objetivos traçados
Legislação favorável	Encorajamento dos funcionários para inovar

Fonte: Schmidt, 2002: 185.

Do quadro apresentado, evidencia-se que muitos dos itens que geram o *goodwill* são os mesmos que originam o capital intelectual, ou seja, ambos dizem respeito a uma série de ativos intangíveis não-identificados.
Contudo, seus valores dificilmente serão os mesmos, já que a mensuração do *goodwill* subjetivo (a diferença entre o valor subjetivo da entidade em determinado momento e o valor da aquisição dos ativos) é obtida pela diferença entre o valor econômico total do ativo líquido e seu valor contábil, enquanto o capital intelectual é obtido pela diferença entre o valor de mercado das ações da entidade e seu valor contábil.

Conclusão

Estamos vivenciando neste início de século a era do conhecimento, que trouxe como conseqüência o desenvolvimento da economia da informação. Neste artigo, percebe-se que a importância dos intangíveis no mundo dos negócios não é recente, porém, cada vez mais, o mercado tem atuado focando e valorizando sua participação nos valores negociados, apesar dos acionistas, investidores e profissionais da Contabilidade não terem chegado a um consenso acerca dos procedimentos contábeis relativos ao seu registro e mensuração.

No que diz respeito à avaliação dos intangíveis, tem-se que é um procedimento de alta complexidade que requer, do profissional avaliador, conhecimentos especializados através de uma visão multidisciplinar que envolveria conhecimentos sobre finanças, matemática e estatística, no sentido de maximizar a informação e oferecer resultados seguros às pessoas e entidades interessadas, em função da relevância assumida pelos ativos intangíveis na composição do patrimônio das entidades.

Bibliografia:

COPELAND, Tom; KOLLER, TIM e MURRIN, Jack. *Avaliação de empresas* – valuation: *calculando e gerenciando o valor das empresas*. São Paulo: Makron Books, 2002.

DAMODARAN, Aswath. *Avaliação de investimentos.* São Paulo: Qualitymark Editora, 1997.

HENDRIKSEN & VAN BREDA. *Teoria da contabilidade*. São Paulo: Atlas, 1999.

IUDICIBUS, Sérgio de. *Teoria da contabilidad*e. São Paulo: Atlas, 2004.

IUDÍCIBUS, Sérgio de & MARION, José Carlos. *Introdução à teoria da contabilidade*. São Paulo: Atlas, 2000.

LEITE, Joubert da Silva Jerônimo. *Programa de especialização em contabilidade internacional*. Campinas – SP: Meta, 2001.

MARTINS, Eliseu (organizador). *Avaliação de empresas: da mensuração contábil à econômica*. São Paulo: Atlas, 2001.

_____ "Capital intelectual: verdades e mitos". *Revista Contabilidade e Finanças*-USP. São Paulo, n. 29, pp. 41-54, maio/ago. 2002.

_____ "Contribuição à avaliação do ativo intangível". 1972. Tese (Doutorado) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MÜLLER, Aderbal N. TELO, Admir Roque. "Modelos de avaliação de empresas". *Revista FAE*. Curitiba. v. 6. n. 2. pp. 97-112. maio/dez. 2003.

NIYAMA, Jorge Katsumi. *Contabilidade internacion*al. São Paulo: Atlas, 2005.

PACHECO, Vicente. *Capital Intelectual nas demonstrações contábeis: teoria e empiria*. Curitiba; CRC/PR, 2005.

RIBEIRO, Ricardo Augusto dos Santos. "Contabilização dos gastos de fabricação de *softwares* no Brasil: análise empírica com base nas principais normas estrangeiras". Dissertação de mestrado do programa UnB/UFPB/UFPE/UFRN. Brasília: UnB, 2004.

SCHMIDT, Paulo. *Avaliação de ativos intangíveis*. São Paulo: Atlas, 2002.

_____ *Contabilidade internacional avançada*. São Paulo: Atlas, 2004.

_____ *Fundamentos de teoria avançada da contabilidade*. São Paulo: Atlas, 2005.

STEWART, Thomas A. *Capital Intelectual – a nova vantagem competitiva das empresas*. Rio de Janeiro**:** Campus, 1998.